

## A TEORIA DOS RIZOMAS E A AÇÃO RIZOMÁTICA NA CENA DA MATANÇA DOS CAVALOS

### THE THEORY OF RHIZOMES AND RHIZOMATIC ACTION IN THE SCENE OF THE HORSE MASSACRE

Anna Claudia Soares<sup>1</sup>  
Fábio Ricardo Gioppo<sup>2</sup>

#### RESUMO

O conceito de rizoma desenvolvido por Deleuze e Guattari é apresentado como um modelo de pensamento e organização que desafia estruturas hierárquicas e dicotomias tradicionais, privilegiando conexões fluidas e movimento constante. Desta forma, o problema de pesquisa deste artigo é: Como o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari pode ser aplicado em uma análise literária? Tendo como objetivo apresentar a aplicação do conceito de rizoma investigando as complexidades das relações entre o bem e o mal na cena da matança dos cavalos na obra *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Utilizando como metodologia de pesquisa a análise literária. A cena da matança de cavalos exemplifica como o sofrimento causado pelo mal afeta não apenas os jagunços rivais, mas também os próprios perpetradores. A transformação do mal em bem, ainda que temporária, ressoa com as ideias de Benedictus de Spinoza sobre o bem como algo útil. Portanto, ao realizarmos a análise literária dessa cena apresentamos a relevância do conceito de rizoma para a reflexão ética e moral.

**Palavras-chave:** Rizoma. Ação rizomática. Bem. Mal. Análise literária. *Grande sertão: veredas*.

#### ABSTRACT

The concept of rhizome developed by Deleuze and Guattari is presented as a model of thought and organization that challenges hierarchical structures and traditional dichotomies, privileging fluid connections and constant movement. Thus, the research problem of this article is: How can Deleuze and Guattari's concept of rhizome be applied in a literary analysis? Having as its objective to present the application of the concept of rhizome by investigating the complexities of the relationships between good and evil in the horse-killing scene in Guimarães Rosa's work *Grande Sertão: Veredas*. The research methodology employed is literary analysis. The horse-killing scene exemplifies how the suffering caused by evil affects not only the rival gunmen but also the perpetrators themselves. The transformation of evil into good, although temporary, resonates with Benedictus de

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Pesquisadora da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0094336002164808>. E-mail: [annacsoares95@gmail.com](mailto:annacsoares95@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8990879633735906>. E-mail: [fabio.gioppo@ifpr.edu.br](mailto:fabio.gioppo@ifpr.edu.br).

Spinoza's ideas about good as something useful. Therefore, as we carry out the analysis of this scene, we present the relevance of the concept of rhizome for ethical and moral reflection.

**Keywords:** Rhizome. Rhizomatic action. Good. Evil. Literary analysis. *Grande sertão: veredas*.

**Data de submissão:** 19.03.2024.

**Data de aprovação:** 04.07.2024.

## 1 INTRODUÇÃO

50

O conceito de rizoma, introduzido por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, tem despertado interesse significativo em diversos campos do conhecimento, desde a filosofia até a literatura. Este artigo propõe uma análise interdisciplinar, explorando o conceito de rizoma e sua relação com a dinâmica do bem e do mal.

Essa teoria apresenta uma nova perspectiva de pensamento, baseada na ideia de conexões horizontais e multiplicidade, em contraposição aos modelos tradicionais de pensamento baseados em estruturas hierárquicas, como a árvore. Este conceito tem sido aplicado em diversos contextos, desde a filosofia até a cultura contemporânea, como uma forma de repensar as relações, os sistemas e os modos de conhecimento.

Um dos aspectos fundamentais da teoria do rizoma é sua capacidade de abordar a complexidade e a fluidez das relações humanas, incluindo a interação entre o bem e o mal. A obra *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa foi escolhida como objeto de análise por apresentar exemplos concretos dessa dinâmica entre o bem e o mal, onde a crueldade inicial das personagens é transformada em atos de misericórdia diante do sofrimento causado.

Desta forma, o problema que essa pesquisa busca responder é: Como o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari pode ser aplicado em uma análise literária? Tendo como objetivo apresentar a aplicação do conceito de rizoma investigando as complexidades das relações entre o bem e o mal na cena da matança dos cavalos na obra *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Portanto, ao examinarmos as nuances dessas interações, pretendemos destacar a relevância e a aplicabilidade do conceito de rizoma em diferentes

contextos acadêmicos e culturais, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda da complexidade do mundo contemporâneo.

## 2 O RIZOMA

Gilles Deleuze e Félix Guattari escrevem sobre um conceito filosófico baseados em um termo da botânica: o rizoma. Essa discussão sobre o rizoma como modelo de pensamento está no primeiro capítulo de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1996). Os autores usam, em grande parte da escrita, essa imagem (a do rizoma) em contraposição à imagem de uma árvore. Se buscarmos o significado da palavra rizoma em um dicionário qualquer, obteremos algo, como definição, mais ou menos assim: caule subterrâneo ou não que tem o seu crescimento na horizontal, podendo, a partir de si, emitir novos ramos.

Os autores supracitados evocam sobre essa imagem uma necessidade de não termos, não desenvolvermos, não reproduzirmos como árvores, mas sim como rizomas. Convocando-nos a uma tomada de decisão em prol de uma existência firmada em relações, em uniões, em conexões. O rizoma não é algo estático, que permanece no mesmo lugar. Pelo contrário, o rizoma se movimenta sempre em direção horizontal e pode se conectar a outros rizomas. O rizoma parece dispor desta prerrogativa: a de crescer e avançar cada vez mais, ora subterraneamente, ora na superfície, porém sempre se alastrando.

Deleuze e Guattari (1996) escrevem/denunciam/alertam sobre esquemas arborescentes, os quais dependem de um tronco apenas para que suas atividades, vivências e relações existam e se concretizem. Uma árvore pode ser alta, grossa, abrigar muitos galhos, porém elas não se conectam. É perceptível, na leitura desses autores, mais especificamente no livro *Mil Platôs*, vol.1, que eles se mostram contrários a toda forma de controle social, político, religioso, econômico e outras formas de direcionamento e até mesmo de opressão do tipo árvore, ou seja, uma influência que sai de um centro (controlador) e faz com que todas as partes da árvore, de seus galhos, de suas folhas, de seus frutos, de suas raízes dependam de um único e exclusivo tronco.

Ao utilizar a imagem de rizoma, os autores chamam a atenção do leitor para esse tipo de desenvolvimento e de crescimento: o tipo rizomático. O rizoma se desenvolve em várias direções ao mesmo tempo e sempre podendo estabelecer novas conexões com outros rizomas sobrepondo-se, misturando-se um ao outro, a ponto de não se identificar um e outro.

O rizoma é do tipo acentrado, ou seja, não existe um centro para onde ele deve remeter-se. O rizoma, ao se desenvolver, explode para várias direções, formando alguns nódulos, dos quais brotam outros ramos, os quais formam outros rizomas que crescem para outras direções, podendo voltar para a direção procedente ou avançar para um novo caminho.

Podemos nos arriscar a dizer que esse tipo de metáfora, usada pelos autores (1996), tem como um provável objetivo lançar, na mente do leitor, um novo tipo de pensamento capaz de modificar a forma de como interagimos como o mundo, com as pessoas, com a vida. O esforço da reflexão filosófica proposta pelos autores (1996), portanto, busca transformar um modo de pensamento, um modo de agir cartesiano, monótono, arbóreo, fixado em um pensamento, em uma ação que se desloque, que se conecte com outras relações, que se movimente.

O rizoma é caracterizado pelo crescimento que se movimenta para várias direções. Podemos inferir que Deleuze e Guattari (2011), ao emprestar esse termo botânico de rizoma e inseri-lo na filosofia para diferenciar um desenvolvimento do tipo árvore e um desenvolvimento do tipo rizoma, estão propondo um novo modo de pensamento: um pensamento que funciona como agenciamentos de pensamentos. E como agenciamento, eles entendem que:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (Deleuze; Guattari, 2011, p. 24).

Para uma provável demonstração do funcionamento desse agenciamento, eles lançam mão do exemplo de um livro que funciona na conexão com outros livros. O livro não serve para ensinar algo, mas sim para se conectar com outros livros e aí ver o seu funcionamento num movimento que não para de crescer, de avançar, de se movimentar. Nesse movimento, observa-se uma multiplicidade capaz de formar um todo que se renova a cada instante de relação estabelecida.

Percebemos que esse conceito de conexões entre livros pode funcionar como uma metáfora para conexão de pessoas, de relacionamentos, de pensamentos, de formas de viver. Parece que através desse funcionamento rizomático nas relações que temos em nossas vidas (se percebermos isso) têm uma função de nos fazer expandir sempre e sempre. E com esse expandir vem a responsabilidade de fazer com que o outro cresça também e esse pensamento que desenvolvemos encontra eco no pensamento de Benedictus de Spinoza (2013).

Ao vivermos a vida de maneira rizomática, tendemos ao crescimento, tendemos a avançar além de nossas fronteiras, tendemos a nos desterritorializarmos e a nos reterritorializarmos múltiplas vezes. Modificando-nos muitas vezes; reconhecendo nossas fronteiras e avançando sobre elas e retornando para elas através de novos caminhos. Por meio das relações e desse pensamento rizomático, podemos, na relação com o outro, conhecermos a nós mesmos através do olhar do outro e por que não dizer desconhecer a nós mesmo pelo olhar de outrem. Essa forma de pensar encontra relações com o pensamento de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (2011), quando este expõe sobre o conceito de “Excedente de visão”, dizendo que:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é

possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (Bakhtin, 2011, p. 21).

O interessante desse conceito de rizoma é que o rizoma pode conectar-se a outros vários rizomas não parando, assim de se desenvolver. “[...] qualquer parte de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 22). Isso pode ser aplicado a várias áreas da vida e das coisas. Podemos evidenciar esse conceito na literatura, na música, no cotidiano de uma pessoa comum. A impressão que dá é que tudo está conectado, ou melhor, que tudo pode ser compreendido através de ligações infinitas de acontecimentos, de conhecimentos, de sensações capazes de fazer sentido. Capazes de se tornar em sentido. Não o caos (ou até mesmo o caos?).

As linhas de segmentaridade que existem no rizoma, pelo rizoma, com o rizoma são capazes de proporcionar novas conexões. Essas conexões podem vir através de contatos com novos rizomas ou simplesmente explodir do próprio rizoma, criando assim, as linhas de fuga, as quais crescerão para uma direção proporcionando novos modos de interação. Sobre isso, os autores afirmam que:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível destruir as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais eles fogem sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (Deleuze; Guattari, 2011, p. 18).

Imaginemos uma linha que vai crescendo e se movimentando na horizontal para a direita e para a esquerda. De repente, dela brotam novas linhas que vão crescendo umas

sobre a outras de tal maneira que a primeira linha da qual derivaram-se as outras fica irreconhecível, pois as outras que dela eclodiram já estão irrompendo em novas eclosões a ponto de criarem novas linhas que já eclodiram também e se expandiram para outras direções e encontram outras linhas eclodidas de um outro rizoma com a qual se misturaram e se conectaram formando novas linhas que eclodirão e formarão novos rizomas com outros rizomas provenientes de outros lugares.

E isso tudo acontece entre uma distância e outra num ponto qualquer no meio de um platô. O rizoma é assim: acontece nos entremeios das coisas e numa velocidade variável que pode ser muito rápida ou muito lenta ou moderada. O rizoma é a ruptura. Ele não pode ser contido, pois se encontra uma barreira, ele retorna, reterritorializando-se por outros caminhos que eram improváveis, mas que o movimento de reterritorialização permitiu que novas fronteiras fossem descobertas para que pudessem se desterritorializar-se, talvez, e assim num movimento sem parada encontrar novas formas de viver e de se (re)encontrar.

O bem e o mal estão no rizoma e por meio deste são mobilizados, intensificados, sem que um possa se sobrepor ao outro. Não há como retirar o bom e o mau do meio do rizoma. Os dois encontram-se latentes. Em potência. Eles estão no rizoma, assim como o joio está para o trigo. Crescem juntos e quem os reconhece? Como reconhecê-los? Deleuze e Guattari escrevem que:

É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito – tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom e o mau são um, são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada (Deleuze; Guattari, 2011, p. 18).

As conexões rizomáticas se incumbirão de mostrá-los, o que é bom e o que é mau. Como extirpar o mal do rizoma? Como nutrir mais o bem? Difícil é pensarmos dualmente quando estamos tratando de rizoma. Pois o mal que pode parecer ruim e nocivo aqui e

agora poderá retornar lá na frente, em determinado ponto do rizoma, através de outras conexões, como um bem. O bem momentâneo poderá retornar no rizoma e para o rizoma com uma doença em determinado ponto da caminhada.

Após descrevermos, de uma maneira mais geral, os pensamentos dos filósofos sobre a teoria do rizoma, que eles desenvolvem, partiremos agora para uma exemplificação mais específica que é notada no romance de Guimarães Rosa. E dentro dessa perspectiva rizomática poderemos perceber, mais uma vez, a presença da dinâmica do bem e do mal de uma forma mesclada. Será que o mal pode passar a ser um bem?

Voltando o nosso pensamento para a existência de um movimento feito pelo bem e pelo mal que podem resultar em uma mistura dos dois, analisemos então, uma das cenas mais tristes do romance. Percebamos, com esse olhar, uma dinâmica um tanto quanto inusitada com relação ao querer fazer e praticar o mal.

### 3 METODOLOGIA

Na obra *Grande sertão: veredas* é possível identificar a ação rizomática na cena da matança dos cavalos. A personagem Riobaldo nos conta que, durante uma batalha que se travou entre os jagunços de Zé Bebelo com os judas, bando liderado por Hermógenes e Ricardão, Zé Bebelo e os seus liderados tomaram posição dentro de uma casa, ocupando um lugar de certa proteção, porém deixando os cavalos em um curral, o qual ficava um pouco distante da casa.

Desta forma, utilizando como metodologia de pesquisa a análise literária, pretendemos identificar o conceito de ação rizomática, utilizando como *corpus* a cena da matança dos cavalos.

Conforme Benjamin Abdala Junior (1995), a análise literária “envolve o conhecimento de seus elementos estruturais, ou seja, o domínio de determinadas categorias (conceitos) da narrativa” (Abdala Junior, 1995, p. 8). Em outras palavras, há a necessidade, por parte do pesquisador, de entender os conceitos que envolvem os elementos da criação narrativa, tais como personagem, enredo, o tempo, narração, lugar entre outros necessários para que

possa, de maneira científica, realizar a pesquisa a que se propõe. O autor (1995) ainda acrescenta que:

analisar uma narrativa é, pois, correlacionar, em torno de um núcleo central, a organização de seus elementos estruturais, conforme a necessidade da argumentação. Analisar pressupõe argumentar, defender o ponto de vista crítico que é a sua razão de ser. Para essa defesa, é necessário que se busque uma comprovação do que se afirma, daí a importância de uma descrição mais rigorosa do texto (Abdala Junior, 1995, p. 8).

Desta forma, o autor (1995) compreende que uma das funções da análise literária é a de argumentar, ou seja, defender uma ideia a respeito daquilo que se pesquisa. Assim, é necessário, além do conhecimento dos elementos constitutivos da narração, que se faça uma correlação entre os acontecimentos pertencentes a uma determinada obra de tal maneira que se possa articular, de forma organizada e intencional as partes do texto, fazendo com que haja um diálogo entre as partes e o todo para que se possa concluir a partir do resultado dessa articulação. Abdala Junior (1995) ainda afirma que:

a análise literária pressupõe dois movimentos: a desmontagem do texto (a análise propriamente dita, no sentido literal dessa palavra) e a articulação em torno de um seu princípio configurador (uma estrutura, um tema) capaz de explicar o sentido de sua construção. Essa articulação tem em vista uma síntese – isto é, uma visão de conjunto do texto analisado (Abdala Junior, 1995, p. 8).

Entende-se que é justamente nessa movimentação, referida pelo autor (1995), o lugar onde o conhecimento pode encontrar espaço para seu desenvolvimento. E na medida em que se encadeiam novas ideias nascidas do movimento feito pelo pesquisador em sua busca, percebe-se o avanço da ciência.

#### 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Enquanto Zé Bebelo e Riobaldo conversam sobre a morte de um jagunço que acabaram de perder no meio do tiroteio em que estão, Cavalcanti, um dos jagunços do bando de Zé Bebelo, traz a notícia de que “[...] estão matando os cavalos!” (Rosa, 2006, p.

339). Com o objetivo claro de afetar Zé Bebelo e seus jagunços, os judas começam a atirar nos cavalos, fazendo com que os animais agonizassem terrivelmente por horas. A cena é descrita com uma forte riqueza de minúcias, especialmente os detalhes sinestésicos. O leitor é levado a experimentar esse momento, na narrativa, em que a maldade, por ela mesma, se sobressai brutal e dolorosa.

Apenas abrindo um parêntese biográfico relacionado ao amor e à estima que Guimarães Rosa tinha por cavalos, durante a conversa que teve com Günter Lorenz, ele nos revela que “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!” (Lorenz, 1983, p. 68).

É possível identificar um requinte de crueldade dos judas enquanto fuzilam os pobres bichos. Riobaldo começa a lembrar o quão bons eram aqueles animais que estavam agora mesmo sendo sacrificados, brutalmente, pelos inimigos. Os de Hermógenes e Ricardão atiravam sem piedade naqueles bichos “tão sadios todos, que não tinham culpa de nada” (Rosa, 2006, p. 339) e, com essa atitude, afetavam de maneira poderosa o moral da pequena tropa de Zé Bebelo. A ponto de terem de segurar com muita força um jagunço chamado Fafafa, sobre o qual, no início da narrativa, afirma-se ser um criador de cavalos. Na verdade, ele, Fafafa, vai ser criador de cavalos depois que todas as aventuras narradas por Riobaldo se acabam. Mas durante a narrativa, percebemos que Fafafa gosta muito desses animais, a ponto de querer se arriscar e ir até o curral para dar tiros de misericórdia nos bichos a fim de que cessem os seus sofrimentos. Porém, Fafafa é detido “[...] não deixamos, porque isso consumava loucura. Não dava dois passos no eirado, e ele morria de fuzilamento, em balas, se varava” (Rosa, 2006, p. 341).

Há nesse trecho da narrativa, pelo menos três aspectos muito marcantes. A primeira é a imagem da malvadeza feita com os animais; o segundo é a imagem de jagunços do bando de Zé Bebelo chorando feito crianças pelo sofrimento causado aos bichos; e o terceiro aspecto é o movimento reverso dos próprios judas fazendo o bem aos animais, aos jagunços de Zé Bebelo e a eles mesmos. E é nessa terceira cena que se vê uma dinâmica diferente do mal e do bem.

Os judas agiram traiçoeiramente, utilizando-se de atitudes cruéis e más para afetarem o bando de Zé Bebelo. Por meio do mal causado aos animais, atingiram, em cheio, a alma dos jagunços rivais. Porém no desenrolar da ação do mal nessa cena, parece que eles mesmos, os judas, foram afetados pelo seu próprio mal e tiveram que usar de misericórdia, praticando o bem, que naquele momento se constituía em sacrificar definitivamente os animais, fazendo com que tanto sofrimento cessasse. Sofrimento dos bichos, sofrimento dos de Zé Bebelo e por que não afirmar o próprio sofrimento dos judas? Por que dizemos isso? A descrição da cena leva-nos a inferir isso, pois o som emitido pelos animais, juntamente com a imagem de todos eles agonizando, em decorrência do sofrimento, era absurdamente medonha.

Ânsias, ver aquilo... os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo... iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dor – o que era um gemido alto, roncado, de uns sons como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados... Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados rinchos, de coroso sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte... O senhor escutar e saber – os cavalos em sangue e espuma vermelha, esbarrando uns nos outros, para morrer e não morrer, e o rinchar era um choro alargado, despregado, uma voz deles, que levantava os couros, mesmo uma voz de coisas da gente: os cavalos estavam sofrendo com urgências, eles não entendiam a dor também. Antes estavam perguntando por piedade. O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupêia de total gastura, o sobregêlo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na idéia e a de que o mundo pode se acabar (Rosa, 2006, p. 339-341).

Os trechos descritos acima servem para imaginar os afetos de tristeza e de agonia causados não só nos jagunços de Zé Bebelo, mas também nos próprios judas. Tal foi a afecção causada no grupo que, em determinado momento de todo esse episódio dantesco, “eles mesmos (os judas) estavam atirando por misericórdia nos cavalos sobreferidos, para a

eles dar paz” (Rosa, 2006, p. 342). Temos a forte convicção de que o pronome “eles” de “a eles dar paz” se refere aos judas. Podemos entender que os judas estavam dando tiros de misericórdia nos animais para que eles, os bichos, descansassem em paz. Mas o que nos leva a crer que o pronome “eles” se refere aos judas é o fato de que eles mesmos estavam sendo afetados por aquele tormento todo que eles próprios produziram.

Tamanha foi a maldade que os judas executaram, a fim de afetar o inimigo, que acabou transbordando a tal ponto de afetá-los a si mesmos. Necessário foi que agissem, então, depois de horas, de maneira totalmente inversa à primeira ação, tiveram que demonstrar bondade. Sim, eles praticaram o bem. Em primeiro lugar, aos cavalos; em segundo (mesmo que contra a vontade), aos de Zé Bebelo; em terceiro lugar, a si mesmos.

A cena começa e se desenrola, em sua totalidade, causando tristeza-ódio, principalmente ao bando de Zé Bebelo, ou seja, há, em certo momento, a instauração do mal. Porém, no fim de tudo, mesmo com a perda dos animais, há um momento de paz entre os dois bandos. Entendemos por isso: bem.

O mal que se transformou em bem. É difícil admitirmos que o resultado do trecho acima foi o bem em ação. Pois o que os judas fizeram, inicialmente, aumentou o ódio sentido pelo bando de Zé Bebelo. Mas o que visualizamos no final foi, mesmo que por um pequeno intervalo de tempo, e relativamente, foi o triunfo do bem sobre o mal. E esse bem triunfante foi, de certa forma, proporcionado por aqueles que em um primeiro momento idealizaram e provocaram o mal.

Interessante anotarmos que essa noção de bem e mal percebida acima tem uma relação muito forte com o pensamento spinosiano. Mesmo que Spinoza (2013) desenvolva sua teoria sobre o bem e o mal fora de uma plataforma metafísica, totalmente baseado na razão, ou seja, sem essa figuração presente no romance, relacionando-se o bem a Deus e o mal ao diabo, ele consegue encontrar abrigo nas linhas de *Grande Sertão: veredas*.

Afirmamos isso tendo em mente que para Spinoza (2013, p. 158) o bem é tudo aquilo que resulta em algo útil, e mal, o contrário disso. A cena da dizimação dos cavalos inicia-se com a ação da “[...] pura maldade” (Rosa, 2006, p. 340), ou seja, algo extremamente inútil estava sendo feito. E isso analisado em última instância, pois não de argumentar que o que

foi feito era útil para os judas, o que no final se demonstra inverdade. No fim, algo de útil foi feito, pois “carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a dramada deles acabar, apagar o centro daquela dor” (Rosa, 2006, p. 341). E essa pontaria caridosa, ou seja, cheia de amor, foi obra dos judas. Os judas, mesmo iniciando a cena com a pontaria cheia de ódio, terminam com as mesmas armas cheias de amor, executando, assim, o bem a todos os envolvidos nesse episódio.

Desta forma, na cena da matança dos cavalos em *Grande sertão: veredas*, a ação rizomática é evidente, destacando-se a crueldade dos judas contra os animais de Zé Bebelo. Nessa cena, embora comece com o mal, termina com um momento de paz entre os bandos rivais, representando a transformação do mal em bem. Essa dinâmica reflete ideias semelhantes às de Spinoza, para quem o bem é tudo o que resulta em algo útil. Portanto, o texto sugere uma complexa inter-relação entre o bem e o mal dentro do contexto do rizoma, onde essas categorias não são fixas, mas sim fluidas e passíveis de transformação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou explorar o conceito de rizoma, conforme delineado por Deleuze e Guattari (2011) e aplicá-lo na análise literária. Apresentamos algumas interconexões entre o rizoma filosófico e a dinâmica narrativa do romance, revelando uma compreensão complexa das relações entre o bem e o mal, bem como das nuances da existência humana.

Desta forma, o rizoma não se restringe a uma mera metáfora botânica, mas sim representa um modelo de pensamento e de organização que desafia estruturas hierárquicas e dicotomias tradicionais. Deleuze e Guattari (2011) propõem uma abordagem não linear e descentralizada, na qual as conexões são priorizadas sobre as estruturas fixas, e o movimento é privilegiado em relação à estabilidade.

Concluimos que a cena da dizimação dos cavalos pelos judas exemplifica vividamente a complexidade das relações entre o bem e o mal, mostrando como essas categorias são fluidas e interdependentes. O sofrimento causado pelas ações cruéis dos judas não só afeta

os jagunços rivais, mas também os próprios perpetradores do mal, levando-os a um momento de misericórdia e compaixão.

Essa transformação do mal em bem, embora temporária, ressoa com as ideias de Spinoza (2013) sobre o bem como tudo aquilo que resulta em algo útil. A cena analisada demonstra como o conceito de rizoma pode oferecer uma nova perspectiva sobre questões éticas e morais, desafiando noções tradicionais de dualidade e dicotomia.

Desta forma, a cena da matança dos cavalos não apenas fornece uma compreensão mais profunda do conceito de rizoma e suas implicações, mas também destaca sua relevância para a análise literária e para a reflexão sobre questões éticas e morais. Portanto, o problema de pesquisa foi solucionado, ao demonstrar com a nossa análise, como o conceito de rizoma pode ser aplicado em uma análise literária.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: 34, 1996. (Coleção TRANS, v. 1).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira *et al.* Rio de Janeiro: 34, 2011. (Coleção TRANS, v. 1).

LORENZ, Gunter W. Diálogo com Guimarães Rosa. *In*: Coutinho, E. (org.) **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1983.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

**Agradecimentos:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).